



QUESTÕES DA AGRICULTURA FAMILIAR EM TUNEIRAS DO OESTE (PR): JUVENTUDE EM ÊXODO

Jean Felipe de Bona Stahlhoefer¹, Diego de Melo Oliveira²

¹Graduado em Geografia (UEM), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá sob orientação do prof. Dr. Henrique Manoel da Silva, sob financiamento CAPES.

²Graduado em Geografia (UNESPAR), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá sob orientação do prof. Dr. Henrique Manoel da Silva, sob financiamento CAPES.

RESUMO

O presente artigo abordará as questões relativas às adversidades e lutas pela manutenção da terra no contexto dos jovens produtores de Tuneiras do Oeste, as contradições em que o capitalismo agrário impõe ao meio rural e as estratégias que essa população utiliza para assegurar sua reprodutividade no campo. Buscaremos compreender a visão dos jovens quanto à manutenção das propriedades de suas famílias, seus valores e suas percepções sobre a própria realidade através dos estudos das contradições do sistema, utilizando de questionários quanti-qualitativos para obtenção de dados da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura familiar; Juventude no campo; Êxodo rural.

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar hoje representa uma das maiores riquezas que o Brasil possui, pois é por meio dela que são produzidos os alimentos que abastecem a mesa das cidades brasileiras. Esse tipo de organização agrícola caracteriza-se pela administração das terras organizadas pela própria família, trabalhando com ou sem a ajuda de terceiros, em que todos vivem na unidade produtiva, portanto são produtores e consumidores ao mesmo tempo.

O agricultor familiar surge como uma classe social distinta das classes urbanas, pois se trata de um trabalhador multifacetado que possui seus rendimentos ligados a três tipos de trabalho social: 1) proprietário fundiário, quando a renda vem do uso da terra; 2) empresário privado, quando a renda vem do lucro da produção e 3) trabalhador, quando a renda vem do trabalho braçal. Assim teria em tese direito a três tipos de rendimentos na economia de mercado: rendas da posse do solo, como capitalista e como operário (ABRAMOVAY, 2012).

As propriedades familiares funcionam segundo uma racionalidade econômica característica do espaço agrário: em vez de trabalharem em busca do lucro, trabalham com aversão aos riscos e maximizando as oportunidades de sobrevivência. Isso porque o proprietário agrícola não pode ser dar ao luxo de sofrer uma quebra de rentabilidade por dois ou três anos consecutivos, como num empreendimento comum. Por isso, o produtor familiar se insere no mercado possuindo características de produção não-capitalista.

A hereditariedade da propriedade também tem um papel fundamental na maximização das oportunidades, pois na maioria dos casos, o agricultor não possui quantidade de terras suficiente para assegurar toda sua família no campo. A divisão de terras entre os filhos segue critérios e regras sociais que assegurem a reprodutividade e renda para a nova geração. Este processo se inicia quando os filhos ainda são crianças, com o aprendizado do ofício de agricultor e também da gestão do patrimônio.

O processo sucessório é tradicionalmente fundamentado no minorato, onde o filho mais novo fica com a propriedade paterna, a reprodução da condição de agricultor dos demais filhos era



viabilizada pela grande mobilidade espacial, pela existência de um dinâmico mercado de terras, provendo os meios materiais necessários e pela valorização da profissão (MELLO, 2003).

Estes pontos brevemente mencionados acima nos servem de base para as discussões acerca das características que conceituam a agricultura familiar no noroeste do Paraná. Lembrando que este modelo produtivo é aquele que possui maior representatividade na produção agrícola nacional, por isso não se trata de um modelo homogêneo, mas ao contrário, se moldam conforme as exigências do mercado, as características do clima e do solo, a estrutura fundiária, etc.

Nas seções a seguir serão apresentados os dados levantados em campo através de questionários semiestruturados, metodologia quanti-qualitativa, focado nos jovens produtores agrícolas da faixa etária de 18 à 28 anos da cidade de Tuneiras do Oeste (PR). O objetivo que norteou esta pesquisa foi diagnosticar as motivações do êxodo das populações jovens, anteriormente apontadas pelos comparativos entre os Censos Demográficos do IBGE de 2000 e 2010, que registrou um decréscimo de aproximadamente 7% somente na faixa etária de 15 aos 24 anos residentes no campo.

2 DESENVOLVIMENTO

Dada a importância econômica do setor agrícola, o estado tem papel fundamental em sua organização, cabendo a ele a iniciativa de prover os meios de organizar e financiar a produção, bem como diagnosticar as falhas e corrigi-las. Por mais que se pregue que a grande empresa agrícola seja mais produtiva que a agricultura familiar por incorporar tecnologias avançadas, a pequena propriedade ainda é aquela que alimenta as cidades por sua eficiência alocativa da produção. Isso ocorre por suas características de maximizador de oportunidades, fazendo muito mais com muito menos e pela eficiência produtiva da agricultura familiar.

Como no Brasil, desde a colônia até a atualidade, as políticas públicas adotadas seguem a linha do neoliberalismo econômico, há uma série de negligências nas ações do estado para promover a agricultura: insuficiência nos serviços de assistência técnica, burocratização na obtenção de recursos por meio de financiamentos, serviços de saúde precários e educação inapropriada ao seu cotidiano rural, assim como falta de acesso ao lazer e cultura. Uma breve análise dos dados dos Censos Demográficos do IBGE apontam para uma forte alteração na estrutura populacional do campo brasileiro.

Tabela 1: População Brasileira residente por situação do domicílio

Situação do domicílio	Ano					
	1960	1970	1980	1991	2000	2010
População absoluta	70.992.343	94.508.583	121.150.573	146.917.459	169.590.693	190.755.799
População rural	38.987.526	41.603.839	39.137.198	36.041.633	31.835.143	29.830.007
Proporção ref.	54,92%	44,02%	32,30%	24,53%	18,77%	15,64%

Fonte: IBGE

Ainda segundo o IBGE, a concentração máxima de terras em grandes propriedades foi no período de 95/96 com 45,1% do total das propriedades agrícolas, sendo que, segundo Sabourin (2007), a agricultura familiar correspondia a 85% dos proprietários, evidenciado uma estrutura fundiária baseada no latifúndio que desestimula cada vez mais o pequeno produtor.

Aliado a estrutura fundiária segregadora que pela concentração de terras inviabiliza a produtividade, muitos fatores motivam o êxodo da juventude rural. Inicialmente destaco o papel da ingerência da educação no êxodo rural como forte motivador do desinteresse dos mais jovens pelo



campo. Docentes das escolas públicas são frequentemente alheios a realidade do campo, não transmitem nada que desperte interesse no jovem ou o incentive a dar continuidade ao modo de vida rural. Não fazem o papel fundamental de motivar e valorizar a profissão. O ensino de geografia, em especial, deveria ser protagonista no papel de valorizar a importância da agricultura familiar na produção nacional, mas acaba reproduzindo o ensino conteudista de certos livros didáticos. “O conteúdo da escola é em geral direcionada apenas para a realidade urbana, além disso, a falta de assistência técnica (...) interfere no interesse de permanecer no campo” (CARVALHO, 2009).

Os jovens ainda necessitam deslocar-se da sua residência no campo até o centro urbano para cursar o Ensino Médio, por exemplo. Muitas cidades não oferecem transporte público para levá-los ao colégio, acentuando a desistência dos estudos. (QUEIROZ, 2001)

Outro ponto fundamental quando se debate sobre a educação rural é a dificuldade em conciliar os estudos e o trabalho rural. Queiroz afirma que

Diante do dilema, muitos acabam optando pelo trabalho, pois, muitas vezes, precisam complementar a renda familiar e, além disso, estão imersos numa sociedade capitalista onde o *ter* torna-se uma premissa básica para o reconhecimento social enquanto sujeito. Diante disso, muitos abandonam a escola, antes mesmo de concluir o Ensino Fundamental, e migram para o espaço urbano em busca de trabalho (QUEIROZ, 2009 p. 4).

Mesmo que o jovem busque nos estudos crescer economicamente nos centros urbanos, se depara com uma competição acirrada e desumana. A educação pública oferecida pelo estado pouco contribui para o crescimento profissional do jovem, já que as escolas deixam a desejar na aplicabilidade dos conteúdos ministrados para o cotidiano rural. Por fim, a recém aprovada reforma do Ensino Médio torna o ensino ainda mais técnico, conteudista e acrítico, não resolve os problemas estruturais da formação dos profissionais da educação, tampouco discute a necessidade em direcionar o ensino ao cotidiano rural.

3 DISCUSSÕES

Como forma de verificar a hipótese levantada acima sobre o êxodo da juventude rural, aplicamos um levantamento na forma de questionário quanti-qualitativo na cidade de Tuneiras de Oeste/PR com 31 jovens da faixa etária de 18 à 28 anos que vivem e tiram a renda exclusivamente nas suas propriedades da agricultura familiar. No questionário aplicado, buscamos identificar quais são os desejos da juventude, suas aspirações, pretensões, estratégias e a hereditariedade.

Considerando os jovens rurais como objeto de investigação, usamos as bases da Geografia Crítica: o método dialético e o materialismo histórico para sua análise, cujo a maior característica dessa corrente é o estudo das contradições e impactos determinados pelo modo de produção. Com os dados obtidos em campo faremos aqui uma breve análise das respostas com o objetivo de traçar os padrões de pensamento da juventude.

Tabela 2: Futuro desejado



Qual seu futuro desejado?						
	Masculino		Feminino		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
Permanecer no campo	14	77,8%	4	22,2%	18	100,0%
Migrar para a cidade	4	30,8%	9	69,2%	13	100,0%



Na primeira questão levantada pelo questionário, buscamos saber se o jovem tem interesse na manutenção do seu modelo produtivo ou gostaria de migrar para o meio urbano. As respostas nos apontam para dois padrões de respostas: o desejo dos moços e o desejos das moças. O desejo de ficar no campo representou 77% dos entrevistados, demonstrando que a juventude sabe da importância da agricultura e quer manter-se nela, mas o que nos chama a atenção é o desinteresse do universo feminino pela vida no campo, onde somente 30% das entrevistadas demonstrou a vontade de continuar no campo.

As mulheres frequentemente emigram do campo por viverem em situações delicadas de desvalorização. As suas posições são subordinadas ao pai quando solteiras e posteriormente ao marido, vivendo sempre as sombras de um homem. Suas atividades, por serem consideradas mais leves que as dos homens são tidas apenas como uma ajuda, por isso são pouco visíveis, não recebendo o respeito e gratificação pela função que exercem. (PAULILO, 1987)

O trabalho feminino dito como “leve”, de limpeza e organização do lar nunca foi considerado como trabalho produtivo. Mesmo quando a esposa cuida da casa e dos filhos para que o homem possa se dedicar ao trabalho produtivo, seja no campo ou na indústria, sem se preocupar com a manutenção do lar, ela não é devidamente recompensada. A ênfase dada à atividade econômica é tão forte que se analisarmos as formas em que a mulher contribui para que a atividade produtiva do marido seja a mais vantajosa possível, veremos que elas se esforçam ao máximo através de longas jornadas de atividades domésticas que jamais são pagas, ditas apenas como obrigação, sendo, portanto produtivas no sentido de que tornam menos penoso o trabalho masculino. (PAULILO, 1987)

Tabela 3: Nível de escolaridade

Qual seu grau de instrução?						
	Masculino		Feminino		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
Ensino fundamental completo	1	100,0%	0	0,0%	1	100,0%
Ensino fundamental incompleto	5	62,5%	3	37,5%	8	100,0%
Ensino médio completo	4	50,0%	4	50,0%	8	100,0%
Ensino médio incompleto	7	63,6%	4	36,4%	11	100,0%
Ensino superior completo	1	50,0%	1	50,0%	2	100,0%
Ensino superior incompleto	0	0,0%	1	100,0%	1	100,0%



Buscamos também saber qual o nível de escolaridade do universo estudado para compreender se a juventude busca minimamente a formação escolar (ainda que deficitária, mas importante para suas atividades de gerência da propriedade). De modo geral, os jovens procuram



concluir ao menos o Ensino Médio por sabem da importância de uma formação mínima, porém são raros os casos dos que procuram um curso superior. Muitos dos jovens ainda cursavam a escola por estarem atrasados devido à reprovações ou desistências. Verificamos apenas um caso de abandono dos estudos e evasão da escola. Os jovens que ainda não concluíram seu nível de estudo (ensino médio incompleto e ensino fundamental incompleto) é porque estão com seus cursos ainda em andamento.

Tabela 4: Grau de instrução e oportunidades

Com seu grau de instrução e estudo, onde é que você acha que teria melhores oportunidades?						
	Masculino		Feminino		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
No campo	12	70,6%	5	29,4%	17	100,0%
Na cidade	6	42,9%	8	57,1%	14	100,0%

Ao serem questionados sobre onde teriam melhores condições de oportunidades para crescer economicamente, surge novamente uma divisão segundo gêneros: homens acreditam que o campo lhe dará melhores condições de vida e as mulheres que é na cidade que as oportunidades são maiores. Este padrão de resposta já demonstra que as mulheres têm consciência da sua desvalorização no campo: sabem que os direitos e mecanismo de acesso à terra são desiguais e privilegiam os filhos homens. No entanto, almejar por mudanças na autopercepção cultural das trabalhadoras e dos homens da família é algo que demanda tempo. Raramente é dada às filhas o direito à herança paterna, restando-lhes apenas a possibilidade de obter terras por meio do casamento.

Tabela 5: Estratégias adotadas ao assumir a propriedade

Ao assumir a propriedade, que tipo de investimentos você faria?						
	Masculino		Feminino		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
Ampliaria a produção pecuária	7	77,8%	2	22,2%	9	100,0%
Ampliaria a lavoura	2	66,7%	1	33,3%	3	100,0%
Investiria em atividades não agrícolas	1	33,3%	2	66,7%	3	100,0%
Arrendaria a terra	1	33,3%	2	66,7%	3	100,0%
Não faria alterações	3	42,9%	4	57,1%	7	100,0%
Outros	4	57,1%	3	42,9%	7	100,0%

Na questão acima, buscamos compreender quais são suas estratégias para melhorar a renda familiar. Trata-se de uma questão aberta que apontou para alguns padrões: a) os que gostariam de ampliar a pecuária em suas propriedades (29%); b) os que continuariam como está (22%); c) os que gostariam de ampliar a produção de grãos (9%); d) aqueles que investiriam em atividades não



agrícolas como o turismo (9%); e) os que arrendariam pois não tem interesse em trabalhar no campo (9%) e os demais que não sabiam ou não opinaram.

É neste ponto que entra a importância da qualificação e aperfeiçoamento técnico da produção e gerenciamento da propriedade para uma boa gestão da propriedade familiar. A assistência técnica se faz fundamental para o aconselhamento dos produtores, destacando a Emater como responsável por estas atividades. Tuneiras do Oeste oferece assistência técnica aos produtores que a procuram aperfeiçoamento na produção por meio destes órgãos, seja ajudando na captação de recursos de custeio ou para investimento, incentivando o uso dos financiamento, ajudando o agricultor a organizar os documentos necessários para o empréstimo e acompanham o crescimento da lavoura.

Segundo a Emater/Tuneiras do Oeste, observa-se que alguns agricultores de diversas localidades estão ainda mal instruídos quanto as políticas públicas de financiamento. Ao receber os recursos dos programas de fomento (como PRONAF e PRONAF Jovem) não conseguem administrá-lo corretamente e muitas vezes acabam endividados. Políticas como o PRONAF são resultados de demandas e reivindicações em suas diferentes formas de manifestação. Porém, apesar da grande importância desses avanços, ainda é pouco diante da enorme demanda e desigualdade no campo. Algumas políticas sofrem com cortes de orçamento, são pouco divulgadas e muito burocráticas, por isso impede que se popularizem.

Há diversos produtores que não conseguem comprovar que se enquadram nos requisitos básicos dos programas do PRONAF, com pelo menos 30% da renda familiar oriunda da agricultura, conforme exige a cartilha.

Tabela 6: Hereditariedade

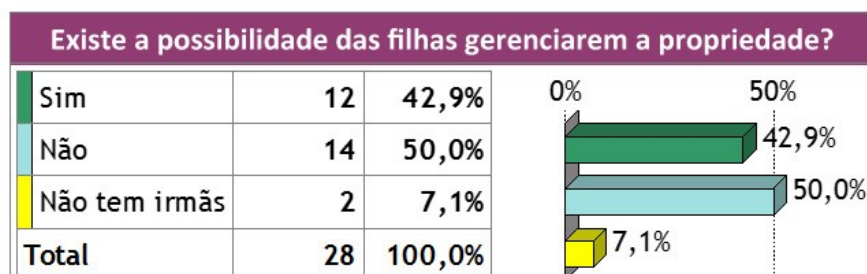
Quem ficará com a propriedade quando herdada?						
	Masculino		Feminino		Total	
	N	% cit.	N	% cit.	N	% cit.
O mesmo	4	100,0%	0	0,0%	4	100,0%
Algum irmão	6	54,5%	5	45,5%	11	100,0%
Alguma irmã	0	0,0%	3	100,0%	3	100,0%
Todos dividirão	4	66,7%	2	33,3%	6	100,0%
Não possuem propriedade	2	66,7%	1	33,3%	3	100,0%
Não sabem	2	50,0%	2	50,0%	4	100,0%

A questão relativa a hereditariedade comprova que na maioria da famílias o padrão sucessório é baseado na patrilinearidade, quando somente os filhos homens deveriam receber a posse da herança da terra, e na ultimogenitura, quando o filho mais novo herda a propriedade paterna e os demais recebem no decorrer da formação as condições necessárias para viabilização da continuidade da profissão através da compra de terras em novas fronteiras agrícolas. Para o filho mais novo restava ainda o papel de zelar pela saúde de seus pais durante a velhice até a sua morte. A resposta mais expressiva (48%) foi justamente a que apontava para os filhos homens como herdeiros principais, 22% não sabia ou não era proprietários de terras e somente 9% respondeu que haviam mulheres como herdeiras, o que nos leva à próxima questão. Ao herdar a propriedade, as



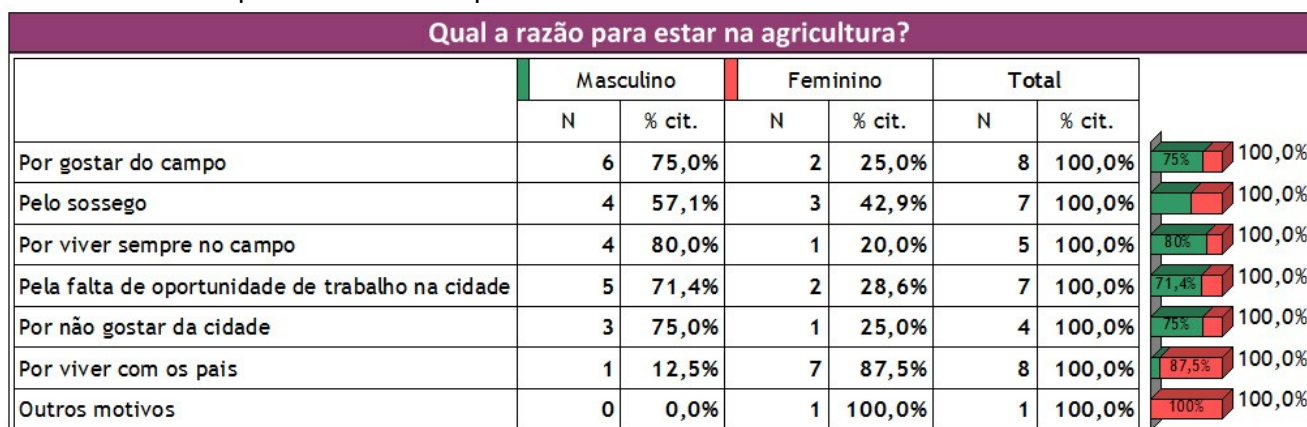
mulheres deverão assumir a propriedade ou passarão para outros a responsabilidade da gerência dos negócios familiares?

Tabela 7: Gerência da propriedade



Mais uma vez os dados comprovam o que as teóricas¹ dos estudos de gênero alertam. Do universo entrevistado, 50% afirmou que nenhuma mulher ficará como gestora na propriedade, mostrando que mesmo quando herdada a propriedade, a administração acaba nas mãos dos homens, deixando-as à margem, numa situação de invisibilidade e silenciamento. Somente 28 pessoas responderam essa questão, uma vez que quatro pessoas não possuíam propriedade, trabalhavam como arrendatário ou funcionário rural e duas não possuíam irmãs. Por isso, somente 42% dos entrevistados responderam que alguma mulher ficará com na propriedade.

Tabela 8: Razões para estarem campo.



Ao questionarmos sobre as razões de estarem na agricultura, evidencia-se dois grupos. Os que estão no campo porque gostam da tranquilidade, pelo forte laço com a tradição, por vivem com os pais, somam 58% e os que lá estão por não terem oportunidades de emigrar para a cidade, com 42%. No entanto, se dividirmos os dados por sexo, veremos que a quantidade de mulheres que estão no campo a contragosto é maior em relação aos homens. Destaco ainda a posição de uma parcela notória (41%) de moças que vivem no campo apenas pelos laços familiares que as asseguram neste meio.

4 CONCLUSÃO

¹ Paulilo (1987)



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Neste breve estudo quanti-qualitativo realizado como projeto de iniciação científica (PIBIC), verificamos dados positivos que apontam para uma juventude que se encontra dívida mas interessada em manter-se como agricultores, assegurando a reproduzibilidade deste modelo. A juventude agrícola sabe que a competição na cidade é acirrada e desumana, que os salários são mais baixos, as oportunidades não escassas. Muitos dessa juventude opta por não profissionalizar-se, por isso sabe que suas chances na cidade são poucas. No campo terão melhores oportunidades de desenvolverem-se com plenitude e alcançar seus objetivos e aspirações. Sabem que o estilo de vida urbano que vêm na televisão, nos *shoppings*, não passa de fetichismo econômico, pois é no campo em que foram criados e é nele que sabem trabalhar.

A juventude rural, mesmo não conhecendo os teóricos russos² que previram o fim da agricultura familiar, sabem que eles estavam errados, pois sabem que a ideia impregnada no paradigma neoliberal de que a pequena propriedade não funciona e não dá conta de reproduzir-se é equivocada, pois é justamente das características básicas da agricultura familiar (alta capacidade de adaptação produtiva e da aversão aos riscos) que asseguram sua reprodução e sua viabilidade. A grande indústria agrícola não conseguiria produzir com tamanha diversidade e adaptação rápida o suficiente para ser economicamente viável, por isso, o agricultor familiar jamais será substituído na sua totalidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2012. 296 p.
- IBGE - **Censo Demográfico 2000** – Características Gerais da População e Instrução, Rio de Janeiro, IBGE, 2000.
- IBGE - **Censo Demográfico 2010** – Características Gerais da População e Instrução, Rio de Janeiro, IBGE, 2010.
- MELLO, M. A. et al. **Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura familiar**. Revista Agricultura, São Paulo, v.50, n.1, p. 11-24, 2003.
- PAULILO, Maria Ignez. **O peso do trabalho leve**. Revista Ciência Hoje, nº 28. 1987.
- QUEIROZ, J. B. P. de. **Os centros familiares de educação em alternância no Brasil**. Caderno Vozes, n. 6, novembro/dezembro de 2001.
- QUEIROZ, S. G.; **Aspectos da escolarização de jovens rurais: um campo de incertezas e possibilidades**. São Cristóvão: UFSE. Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Inter étnicas. 2009. 10p.
- SABOURIN, E. **Que políticas públicas para a agricultura familiar no segundo governo Lula?** Sociedade e Estado, Brasília, v.22, n3, pp.715-751, set/dez, 2007.

2 Kaytsky em *A Questão Agrária* (1899), Lenin em *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* (1899)